

## MOTIVAÇÕES DISCURSIVAS PARA O USO DA PASSIVA

Maria Angélica Furtado da CUNHA (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

*ABSTRACT: This paper examines passive sentences of the type SUBJECT - BE - PAST PARTICIPLE in Portuguese based on Weiner & Labov's analysis of the syntactic factors that determine the prior selection of agentless passive constructions over active ones. The data include formal written Portuguese utterances as well as spoken Portuguese elicited in interviews. In the examined data, the syntactic factor 'preceding passive' proved to be powerful - but not determinant - on the choice of a passive. Furthermore 'coreference between the passive logical object and noun phrases in subject position' was taken to be a discursive factor. I conclude that the occurrence of a passive in Portuguese is not conditioned by purely syntactic features but rather, that it is constrained by its context.*

Weiner & Labov (1983) detêm-se no exame dos fatores sintáticos responsáveis pela escolha entre uma forma ativa ou uma passiva quando o falante não expressa o agente. Analisam, então, o efeito do paralelismo da estrutura superficial, contando o número de orações consecutivas para a esquerda em que o SN na posição de sujeito é correferente ao sujeito sintático da passiva. Tal paralelismo é tido como um fator poderoso na determinação da ocorrência da ativa ou da passiva: a passiva é favorecida quando seu sujeito ocupa uma posição paralela à do seu correferente. Após analisarem quantitativamente o efeito desse fator, Weiner & Labov concluem seu estudo afirmando que a ordenação sintática através das orações é a influência linguística predominante na escolha entre ativas e passivas sem agente: a correferência entre o sujeito sintático da passiva e o sujeito das três orações precedentes provou exercer o efeito maior sobre a ocorrência da passiva. O resultado obtido autoriza-os a tratar ativas e passivas como modos alternativos de se dizer "a mesma coisa" visto que estes modos são condicionados por fatores de ordem formal ou sintática (p.52).

Atentos para o fato de que a categoria 'estrutura superficial paralela' é uma categoria mista, isto é, envolve tanto a noção semântica de correferência quanto a ordem sintática superficial, Weiner & Labov decidem considerar o efeito de uma condição puramente sintática - se a oração passiva sem agente explícito é ou não precedida por uma passiva, independentemente da correferência. A conclusão a que chegam é a de que a passiva precedente é um fator condicionador poderoso e independente, o que reforça sua conclusão anterior de que a escolha de uma passiva sem agente é condicionada por considerações sintáticas. Assim, a ocorrência de uma oração passiva é motivada pela tendência de se preservar a estrutura paralela: "primeiro, na sucessão de construções passivas; segundo, na retenção da mesma posição estrutural para o mesmo referente em sentenças sucessivas" (p.56).

Examinei, em meus dados <sup>1</sup> o efeito do fator 'passiva precedente', estabelecido por Weiner & Labov, sobre a ocorrência de uma passiva no texto e obtive o seguinte resultado: 42 (11%) das 376 passivas da escrita e 53 (14%) das 368 passivas da fala são imediatamente precedidas por uma oração passiva. Tanto na escrita quanto na fala a frequência de passivas precedentes é baixa, não atingindo 15%. Embora o fator 'passiva precedente' seja atuante, ele não parece ser decisivo. Não creio, portanto, ser possível justificar a ocorrência de uma passiva no texto apelando-se apenas para a condição sintática de passiva precedente.

Cabe lembrar que meus dados da fala provêm de falantes que se distinguem quanto ao grau de escolaridade: de um lado, universitários do Projeto NURC; de outro lado, informantes do Projeto CVL, cuja escolaridade não chega a atingir o curso universitário. No grupo do NURC, em 10 horas de gravação com 13 informantes, o total de passivas é 258; no segundo, em 19 horas de gravação com 19 informantes encontrei 110 passivas. Como se sabe, o uso da passiva é característico do estilo formal. Logo, não é surpreendente que os falantes do NURC, com alto grau de escolarização, apresentem maior ocorrência de passivas do que os falantes do CVL: há, nos falantes do NURC, uma influência do padrão da escrita. É no corpus do NURC que o fator 'passiva precedente' tem maior atuação: das 258 passivas coletadas, 44 (17%) são imediatamente precedidas por uma oração passiva, ao passo que nas 110 passivas do CVL, apenas 9 (8%) o são. Em sua maior parte, as passivas do NURC precedidas por outra passiva

são respostas a perguntas formuladas na passiva (ex. (1)), ou constituem retificações feitas pelo falante (ex. (2)):

- (1) - *Esse prato que fizeram no aniversário da sua mãe foi preparado de que modo?*  
 - *Bom, esse pelo menos foi assado normalmente, agora pelo menos mamãe gosta muito por exemplo no ... no Natal, ela gosta muito de fazer o pato recheado, quer dizer que ela, tira o, esvazia o prato, né? ( NURC, No. 27)*
- (2) *Hoje, inclusive aqui no Brasil, é um dos países incríveis. O desquite é muito aceito, a separação é muito mais aceita, ou por outra, os elementos separados são mais aceitos do que até na própria França. A mulher que é desquitada aqui é recebida absolutamente tranqui..., não existe mais o ser desquitado. Ninguém se preocupa mais com isso. (NURC, No. 59).*

O segundo fator "sintático" apontado por Weiner & Labov como determinante no uso de uma passiva - manutenção do papel de sujeito do referente em orações sucessivas - merece investigação mais cuidadosa. Esse fator, classificado como sintático por Weiner & Labov, é por mim interpretado como um fator discursivo. De fato, o que esses autores medem, nesse caso, nada mais é do que aquilo a que se denomina 'distância referencial' na literatura especializada. Esse parâmetro mede o grau de continuidade do sujeito SN em termos de quantas orações para a esquerda intervêm entre a última menção do sujeito SN e a nova menção em questão. A distância referencial mede o comprimento da cadeia em que o referente do sujeito passivo funciona como tópico, tomando como ponto final da cadeia a oração passiva em exame. Como mostrei alhures (Pessoa: 1989), além de promover a mudança do tópico, a passiva também é usada para codificar a continuidade, no texto, do tópico da oração anterior. Nesse caso, a passiva permite que se continue falando de um participante que não exerce mais a função semântica de agente, ou seja, que é paciente. Desse modo, a retenção da posição estrutural de sujeito para o mesmo referente em orações consecutivas é consequência da pressão discursiva para que a coesão textual seja mantida. A ocorrência, no texto, de estruturas paralelas em que o mesmo referente ocupa a posição de sujeito não pode, portanto, ser atribuída a considerações puramente sintáticas, como asseveram Weiner & Labov. Há que se levar em conta considerações de ordem discursiva: é por ser o tópico de determinada

porção do discurso que esse referente desempenha o papel de sujeito nas orações que compõem essa porção. Conquanto não se aprofundem na questão, Weiner & Labov parecem admitir a influência do discurso na ocorrência de sujeitos correferentes, ao mencionarem que "as cadeias paralelas também caracterizam escolhas semanticamente significativas: há uma tendência cognitivamente determinada de se continuar falando sobre a mesma coisa". (p.52).

Em meus dados, há correferência entre o sujeito da passiva e o sujeito da oração anterior em 56 (19%) orações passivas na escrita e 138 (39%) na fala. Essas passivas foram usadas para codificar a continuidade deste sujeito. Logo, se há mais passivas na fala do que na escrita servindo à manutenção do tópico, conseqüentemente há mais passivas na fala cujo sujeito é correferente ao sujeito da oração anterior. Em média, o sujeito da passiva da escrita é correferente apenas ao sujeito da primeira oração à sua esquerda, enquanto o sujeito da passiva da fala é correferente ao sujeito das duas orações imediatamente precedentes.

Tomemos como exemplo (3):

- (3) Desde 1623 [ a Companhia das Índias Orientais] começou a preparar uma expedição contra a Bahia. Vinte e três navios e três iates com quinhentas bocas de fogo, tripulados por mil e seiscentos marinheiros, foram aos poucos se reunindo em S. Vicente do Cabo Verde nos fins deste e no começo do seguinte ano. A 26 de março partiram rumo de SW, a 4 de maio descobriram costa do Brasil, a 8 surgiram diante da baía de Todos os Santos e *foram vistos de terra*. (CA, p.96).

Nesse fragmento, *vingte e três navios e três iates* é introduzido como sujeito e tópico de uma oração ativa. Continua como tópico por mais três orações ativas (com *partiram*, *descobriram* e *surgiram*) e uma passiva, sob a forma de anáfora zero. A passiva sublinhada constitui a última menção desse referente no fragmento transcrito. Esse exemplo é marginal na medida em que o SN sujeito e tópico da passiva é correferente ao sujeito das quatro orações ativas que a precedem.

Vejamos um exemplo da fala:

- (4) Atualmente lá em casa a mamãe também usa muito o aipim. O aipim, ele é, *ele é frito*, né? Mas antes *ele é cozido*, cozido, *depois é passado na banha*, tostando. Aquilo é um nojo. (NURC, No. 27).

O SN *aipim* é introduzido no texto em uma oração ativa, como objeto de *usar*. A partir daí, é topicalizado como sujeito de uma passiva (*ele é frito*) e continua como tópico por mais duas orações passivas, como pronome (*ele é cozido*) e como 0 (*depois é passado na banha*). Na segunda passiva (*ele é cozido*), o sujeito é correferente ao sujeito da passiva imediatamente precedente, enquanto na terceira passiva (*depois é passado na banha*) ele é correferente ao sujeito das duas orações anteriores.

O exemplo seguinte é curioso porque nele, ao contrário dos exemplos antecedentes, o sujeito 0 da passiva é correferente ao sujeito de uma oração seguinte, e não precedente. O fragmento transcrito inicia a matéria intitulada 'Os perigos do Amém':

- (5) Se não refletem a realidade do país *para o qual foram feitos* - sobretudo se colidem com certos usos e costumes nacionais -, também artigos e parágrafos de uma Constituição, como as vacinas, podem não pegar. Seria certamente inútil decretar-se, por exemplo, que os carros ingleses passarão a circular pela mão direita das ruas, ou que a cachaça será a bebida nacional da Escócia, ou que os italianos deverão falar, daqui por diante, aos sussurros. (JB, 04/10/87).

Para que se identifiquem o sujeito da oração ativa inicial (*se não refletem a realidade do país*), o da passiva sublinhada (*para o qual foram feitos*) e o da ativa seguinte (*sobretudo se colidem com certos usos e costumes nacionais*) é preciso que se avance por mais uma oração (*também artigos e parágrafos de uma Constituição, como as vacinas, podem não pegar*). Os sujeitos 0 das três orações iniciais do fragmento são catafóricos; correferem-se ao SN *artigos e parágrafos de uma Constituição*.

Do que foi exposto, concluo que parece não haver fatores puramente sintáticos condicionando a ocorrência de uma forma passiva no texto. Sob o enfoque do argumento sujeito, a passiva é discursivamente motivada. Discordo, pois, de Weiner & Labov ao

tratarem ativa e passiva como modos alternativos de se dizer a mesma coisa. O fato de cada uma dessas construções aparecer em ambientes específicos indica que sua distribuição não pode ser predita com base em considerações sintáticas apenas. A possibilidade de codificação sintática de uma oração semanticamente transmitida como uma forma ativa ou como uma forma passiva depende do contexto discursivo em que essa oração será usada. A escolha entre ativa e passiva está relacionada ao grau de topicidade dos argumentos agente e paciente de uma oração transitiva.

Vale ressaltar que Weiner & Labov estão interessados, exclusivamente, nos traços sintáticos e semânticos que restringem a escolha entre ativa e passiva. Não faz parte do seu objetivo investigar as pressões discursivas que atuam na ocorrência de uma outra construção. Contudo, mencionam que, em seus dados, "há ampla evidência de que as duas formas são usadas indistintamente para se referir aos mesmos estados de coisas. Isso não elimina a possibilidade de que haja contextos em que não seja assim". (p.30). Segundo Romaine (1984:415), a perspectiva de Weiner & Labov é muito limitada: apenas em um subconjunto relativamente pequeno de sentenças do inglês as construções ativas e passivas podem ser usadas com o mesmo valor de verdade.

Tomando como ponto de partida que ativa e passiva são semanticamente equivalentes, Weiner & Labov privilegiam a semântica em detrimento da pragmática. Há, entre seu trabalho e este, uma diferença fundamental no método (análise de orações isoladas) assim como nos objetivos, o que acarretou uma diferença nos resultados.

(Recebido em 25/04/1991 / Aceito em 20/02/1992)

## NOTAS

<sup>1</sup> Os dados do Português escrito provêm de artigos publicados nas seções de Opinião do Jornal do Brasil, e de capítulos dos seguintes livros: *História do Brasil*, de A. Souto Maior (pp 299-358); *Capítulos da história colonial*, de Capistrano de Abreu (pp. 81-112); *Repressão sexual*, de Marilena Chauí (pp 30-62). As passivas do português falado foram extraídas das entrevistas do projeto Norma Urbana Culta (NURC) - RJ, e do projeto Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro (CVL).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PESSOA, M.A.F.C. (1989) *A passiva no discurso*. Tese de doutorado, UFRJ. Rio de Janeiro.
- ROMAINE, S. (1984) The language of children and adolescents. *The acquisition of communicative competence*. Oxford, Basil Blackwell.
- WEINER, J. E. & W. LABOV. (1983). Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, 19: 29-58.